



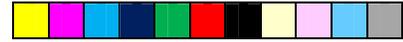
4

Algumas observações sobre a filosofia do amor em Dietrich von Hildebrand e Karol Wojtyła*

Jarosław MERECKI: merecki@me.com

CV: Graduado em Filosofia na Universidade Católica de Lublino/Polónia e na Academia Internacional de Filosofia do Principado de Liechtenstein. Possui Mestrado e Doutorado na Universidade de Lublino/Polónia. É Pesquisador do Pontifício Instituto João Paulo II; Diretor científico da revista *Ethos* da Universidade Católica de Lublino; Membro extraordinário da Pontifícia Academia São Tomás; Professor da Pontifícia Universidade Lateranense.

(Tradução: Euripedes Brito Cunha Júnior)



ABSTRACTRESUMOABSTRACTRESUMOABSTRA

Resumo

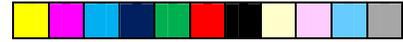
Em meu artigo, eu não pretendia oferecer uma análise histórica da relação mútua entre Hildebrand e Wojtyla. Até onde posso falar sobre as obras de Wojtyla, não encontramos qualquer referência direta a Hildebrand, e vice-versa. Eu não quero dizer que Wojtyla não conhecia o pensamento de Von Hildebrand. Pelo contrário, é bem possível que ele conhecesse ao menos algumas das obras filosóficas de Hildebrand, já que - como sabemos - ele estudou a ética de Max Scheler e, em geral, estava interessado no movimento fenomenológico. Por outro lado, nas obras de Tadeusz Styczen, que foi um dos colaboradores mais próximos de Wojtyla e seu sucessor na cadeira de ética na Universidade Católica de Lublin, freqüentemente encontramos referências às obras de Von Hildebrand. Assim, parece-me que podemos considerar que Wojtyla conhecia a filosofia de Von Hildebrand, mas ele não pertencia ao grupo de seus interlocutores diretos. Também é interessante notar que na Encíclica Veritatis splendor de João Paulo II, encontramos terminologia - a qual eu tentarei mostrar mais tarde - que é muito semelhante à de von Hildebrand, de modo que, ao menos neste caso, podemos fundamentar nossa suposição de alguma influência direta de Hildebrand sobre Wojtyla. Ao mesmo tempo, por razões metodológicas, as obras de João Paulo II não podem ser vistas como uma simples continuação do pensamento do filósofo Karol Wojtyla.

No entanto, independentemente das considerações históricas, podemos dizer uma coisa com certeza. Não é difícil notar uma afinidade profunda entre as abordagens desses dois filósofos, especialmente o modo como filosofia do amor é tratada. Ambos os pensadores reconhecem amor como a única resposta adequada ao valor da pessoa, e, nesse sentido, os dois são Personalistas éticos. Até onde eu posso observar, esta afinidade pode ser explicada simplesmente como um resultado do uso do método fenomenológico adotado por ambos, isto é, como o resultado de uma análise cuidadosa das experiências humanas. Hildebrand e Wojtyla seguem o programa do fundador da fenomenologia, Edmund Husserl, como expresso em seu famoso adágio: "zu zurück Sachen selbst" (ir ao encontro das coisas em si mesmas). Von Hildebrand e Wojtyla certamente subscreveriam o postulado de Husserl: "Nicht von den Philosophen, sondern von den Sachen und muss Problemen der Antrieb zur Forschung ausgehen" ("Não das filosofias, mas das coisas e dos problemas deve partir o impulso da ciência"). Em seu artigo sobre a ética e antropologia de Wojtyla, Tadeusz Styczen refere-se à prioridade de "intuição" (em alemão: Einsicht, que pode ser traduzido também como "intuição") sobre "opinião" (em alemão: Ansicht). Styczen diz:

"A reflexão antropológica de Karol Wojtyla é caracterizada pelo fato de que o autor não sabe como serão suas opiniões definitivas sobre a pessoa humana; ele só sabe que eles têm de ser subordinadas sem restrições à experiência do homem. No início conta apenas experiência, intuição só, que é a experiência do mundo e, ao mesmo tempo, minha própria a experiência como pessoa neste mundo."

Palavras-chave

Intuição; experiência; Hildebrand; Wojtyla



Hildebrand certamente compartilha esta convicção sobre a prioridade de experiência na investigação filosófica; ele usa este método de filosofar em suas inúmeras obras e em seu livro *A Essência do Amor* examina um caso de sua aplicação magistral.

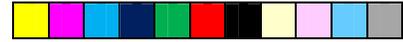
Como já mencionei, o personalismo ético constitui outro ponto de encontro entre Hildebrand e Wojtyła. Em suas opiniões, a pessoa constitui a mais elevada epifania do ser, e por isso é digno que se afirme para seu próprio bem. Este é o primeiro ponto que eu gostaria de enfatizar na minha digressão.

De acordo com von Hildebrand, cada valor induz para a resposta adequada a sua posição na hierarquia de valores. Por isso, há respostas adequadas aos valores de coisas inanimadas. Por exemplo, admiramos a beleza de uma paisagem ou de uma obra de arte. Animais induzem um outro tipo de resposta, uma vez que - como seres sensíveis - eles não podem ser tratados da mesma forma como coisas não-sensíveis (a este respeito a tradicional classificação jurídica entre pessoas e coisas parece ser inadequada, pois os animais não são pessoas, nem coisas). No entanto, do ponto de vista moral, as pessoas humanas são superiores a todos os outros valores que encontramos no mundo visível. Kant definiu estes valores como "um fim em si mesmo" (*Selbstzwecke*). Enquanto todas as outras coisas do mundo, em determinadas circunstâncias, podem ser utilizadas como um meio para as finalidades não propriamente suas, as pessoas em todas as circunstâncias não podem ser tratadas apenas instrumentalmente. Elas nunca podem ser vistas apenas como meios. Em seu livro *Amor e Responsabilidade* Karol Wojtyła - depois de ter criticado a ética do utilitarismo - propõe sua própria formulação do princípio kantiano:

"Toda vez que o objeto de uma ação é a pessoa, você não deve esquecer que você não está lidando apenas com um meio, como instrumento, mas que uma pessoa é sempre um fim em si mesma."⁶⁷

De acordo com Wojtyła, esta norma – chamada por ele de "a norma personalista" – constitui o fundamento de toda o ordenamento moral. Devemos compreender bem esta norma. Ela não obsta qualquer tipo de "uso" da pessoa. Em seu comentário sobre a fórmula kantiana, prof. Robert Spaemann salienta a importância da palavra "apenas". Ao viver em comunidade, não podemos evitar o "uso" mútuo do outro, mas isso não significa necessariamente ir contra a norma personalista. Esta norma proíbe-nos de reduzir o outro apenas ao estado de objeto, com a exclusão de qualquer reciprocidade, como acontece, por exemplo, no caso da escravidão, ou quando uma pessoa é tratada apenas como uma fonte de

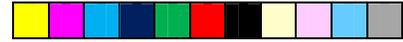
⁶⁷ K. Wojtyła, *Amore e responsabilità*, in: id., *Metafisica della persona. Tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*, Bompiani 2003, p. 479 (tradução: Jaroslaw Merecki).



fornecimento de tecidos ou órgãos para os outros (e enquanto a escravidão é geralmente ilegal, o segundo caso de instrumentalização é comum atualmente).

Na escola de ética Lublin, a norma personalista foi expressa pelo prof. Tadeusz Styczen na fórmula, inspirada por Wojtyła, "*persona est affirmanda per seipsam*". Esta fórmula enfatiza que, para que um recurso seja moralmente bom, o objeto da ação, isto é, o bem da pessoa, deve permanecer em primeiro lugar. Este personalismo difere de várias formas de eudemonismo que vêem a felicidade do sujeito como o principal motivo da ação moral. Parece-me, que a crítica ao eudemonismo desenvolvida pela escola Lublin de ética personalista é muito próxima da crítica do conceito tomista de *bonum*, que encontramos nas obras de Von Hildebrand. Podemos resumi-la da seguinte forma: Se a nossa percepção do bem é totalmente determinada pelo desejo natural, compreendida como *appetitus*, então só há uma possível motivação para a ação: algo é bom na medida em que satisfaz o desejo do sujeito. Com base neste conceito de bem, a outra pessoa é um bem apenas na medida em que ela contribui para a felicidade do sujeito, mas não como um bem que tenha méritos próprios. Em outras palavras, podemos distinguir dois tipos de bons: um bom como *appetibile* (e este tipo de bem é conceituada na noção tomista) e um bom como *affirmabile*. Em Tomismo, é neste segundo tipo de bem que podemos encontrar a noção de *bonum honestum*. No entanto, parece não estar integrada à noção geral do bem em Tomaz de Aquino. Estes dois tipos de bens exigem duas respostas diferentes a partir do tema: no caso de o bem como *appetibile*, a resposta é motivada pelo meu próprio bem, enquanto que no caso de o bem como *affirmabile*, a resposta é motivada pelo bem do objeto de minha ação. Isso exige uma reformulação da filosofia tomista da ação. No contexto desta discussão, é interessante notar que, já na Idade Média, Duns Scotus - que forneceu o complemento filosófico à especulação teológica de Anselmo de Aosta - distinguiu dois diferentes movimentos da ação: a *affectio commodi*, quer dizer, fazendo uso da terminologia de von Hildebrand, a tendência do sujeito para escolher o que é subjetivamente satisfatório, enquanto o *affectio iustitiae* é a tendência natural de retribuir com justiça aos méritos para seu próprio bem. Nesta segunda tendência, Duns Scotus viu a expressão real de liberdade do homem.⁶⁸ Portanto, podemos dizer que, de fato, o amor, entendido em seu sentido ético, significa "fazer justiça ao que merece ser reconhecido para seu

⁶⁸ "Secundum autem affectionem commodi nihil potest velle nisi in ordine ad se, et hanc haberet si praecise esset appetitus intellectivus sine libertate sequens cognitionem intellectivam, sicut appetitus sensitivus sequitur cognitionem sensitivam. Ex hoc volo habere tantum quod, cum amare aliquid in se sit actus liberior et magis communicativus quam desiderare illud sibi et conveniens magis voluntati in quantum habet affectionem iustitiae saltem innatae", Duns Scotus, *Ordinatio* III, suppl. dist. 26; in: *Duns Scotus on the Will and Morality*, A.B. Wolter OFM (ed.), Washington 1986, p. 178.



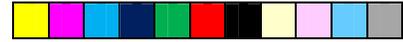
próprio bem". Outro nome para o amor é "afirmação da pessoa por si mesma".

Neste ponto de nossa reflexão, levantar a questão: Qual é o conteúdo próprio da norma personalista? O conteúdo da norma personalista é amor. De acordo com a Karol Wojtyła "A pessoa é tão boa que só o amor constitui a atitude adequada e válida frente a si."⁶⁹ Em outras palavras, o bem que a pessoa é (*o bem da pessoa*) suscita uma resposta específica e do conteúdo desta resposta é o amor.

Mas – podemos perguntar – o que é a natureza do amor, qual é o tipo de resposta? É amar um fenômeno emocional ou é, ao invés, uma postura ao agir? No início de seu livro sobre o amor von Hildebrand coloca esta questão. Ele responde que o amor é uma resposta afetiva de valor. Por outro lado, com a crítica da *ética schilleriana* desenvolvida por Wojtyła em sua tese de pós-doutorado, uma de suas principais objeções foi o chamado "emocionalismo", isto é, a redução do contato/contéudo cognitivo com o domínio de valores da esfera emocional. No contexto da nossa digressão é válido questionar o criticismo de Wojtyła também pode ser aplicado a von Hildebrand? Minha resposta é negativa. Se é verdade que, para von Hildebrand amor é uma resposta emocional, no nosso caso, é uma resposta emocional ao valor da pessoa. Assim, ele não sustenta que esta resposta seja independente da razão e da liberdade. Pelo contrário, quando as emoções apresentam valores de uma forma que é existencialmente vívida e atraente, a tarefa da razão é avaliar se um determinado valor é adequado para mim, nesta situação concreta, enquanto a tarefa da ação consiste em sancionar ou não sancionar as emoções que sentimos em um determinado momento. Enquanto Scheler reduz o papel da razão, a fim de não comprometer a autenticidade da resposta humana a valores, Von Hildebrand acertadamente ressaltou a importância do juízo da razão e da postura da ação.

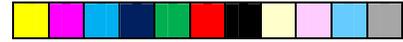
Podemos considerar um outro ponto de encontro entre von Hildebrand e Wojtyła em suas respectivas filosofias de amor. Eu já havia apontado que para os dois só o amor é a resposta adequada para o valor da pessoa. No entanto, esta resposta não pode ser limitada à posição subjetiva. A outra pessoa se presta a ser meramente admirada ou teoricamente ratificada, mas em qualquer situação concreta que ela requeria pela ratificação entendida como "atitude prática". Considere, por exemplo, o sacerdote e o levita da parábola do Bom Samaritano: ambos, provavelmente, tinham profunda admiração pela dignidade da pessoa do viajante deixado para morrer. O problema consistia no fato de que sua admiração permaneceu ineficaz em frente a este homem encontrado no caminho para Jerusalém. De modo geral, podemos dizer que a

⁶⁹ Wojtyła, *Metafisica della persona*, op. Cit., p. 495 (tradução: Jaroslaw Merecki).



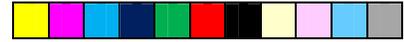
dignidade de qualquer pessoa, na maioria dos casos, não é afirmada diretamente, mas é, antes, afirmou, direcionando os bens que a pessoa precisa: se alguém está com fome, sua dignidade é confirmada através dos alimentos que dão ele, se alguém tem sede, não é suficiente que apenas se admire sua dignidade pessoal, temos que dar-lhe algo para beber. Aqui von Hildebrand faz uma distinção muito útil entre os valores, aqueles bens subjetivamente satisfatórios e aqueles que satisfazem às necessidades objetivas da pessoa. Na terminologia de Hildebrand, podemos dizer que o reconhecimento eficaz do bem da pessoa é mediada através desses bens objetivos para a pessoa. Este princípio também é válido quando se trata de minha própria pessoa. Há bens que são apenas subjetivamente satisfatório para mim, e não são bens que servem objetivamente ao restabelecimento da minha pessoa. Da mesma forma Wojtyla distingue entre "o que me apetece fazer" e "o que eu realmente quero." Sabemos que nem todos os bens que nos atraem conscientemente são idênticos aos que desejamos em um nível mais profundo de nosso ser pessoal. Na terminologia de Hildebrand: um bem subjetivamente satisfatório não é sempre o objetivo bom para a pessoa. Assim, podemos dizer que o bem da pessoa (isto é, a sua dignidade pessoal) é afirmada através dos bens (objetivos) para essa pessoa. É interessante notar que a terminologia muito semelhante pode ser encontrado na Encíclica *Veritatis splendor* de João Paulo II. Eu não posso dizer se, neste caso, podemos reconhecer uma influência direta de von Hildebrand sobre João Paulo II. No entanto, no número 79 da encíclica, lemos que a lei natural é um "complexo ordenado de 'bens pessoais' que servem ao 'bem da pessoa': o bem que é a própria pessoa e sua perfeição." A distinção aqui entre o "bem da pessoa" e "bens pessoais" permite uma interpretação personalista do conceito tradicional da lei natural. O valor da pessoa, que constitui a base de toda a ordem moral, é assegurado através de vários bens que servem à pessoa e pertencem à sua natureza. Assim, as assim chamadas inclinações naturais obtêm a significância moral, na medida em que dizem respeito ao que é objetivamente bom para a pessoa.⁷⁰ Aqui podemos ver mais claramente a relação necessária entre ética e antropologia. Para ambos, von Hildebrand e Wojtyla, a ética não é deduzida a partir da antropologia (desde o início que, assim, evitar a objeção de Hume da falácia naturalista). A ética é deduzida não da antropologia, nem da metafísica. Seu ponto de partida é a experiência moral. Por outro lado, a ética precisa ser informado pela antropologia: temos de conhecer a natureza da pessoa, se quisermos confirmá-la de forma efetiva.

⁷⁰ Cfr. L. Melina, "Bene della persona" e "beni per la persona", "Lateranum" LXXVII, 1 (2011), p. 89-113.



Há um outro ponto importante de encontro entre von Hildebrand e Wojtyła. Trata-se da natureza do amor conjugal. Consideramos: Qual é a especificidade do amor esponsal dentro da visão do amor como a resposta adequada para o valor da pessoa? Embora eles usem uma terminologia diferente, tanto von Hildebrand e quanto Wojtyła vêem esta especificidade como a entrega incondicional da própria pessoa para a outra. Von Hildebrand pontua o fato de que o amor sempre se refere a uma pessoa individual. Wojtyła, por outro lado, diz que ao se apaixonar por uma pessoa do sexo oposto, o ser descobre a singularidade da própria pessoa, entre todas as outras pessoas. Considerando que, em seu sentido ético, amor responde ao valor único da pessoa, entre todas as coisas (um discípulo de Wojtyła, prof. Tadeusz Styczen, diria que o modo de existência pessoal é ontologicamente diferente e axiologicamente superior a toda a existência não-pessoal), o amor esponsal responde ao valor único de que essa pessoa tem de concreto para mim acima de todas as outras pessoas. Daí a pergunta: Como eu e como devo responder a este valor único? Uma resposta adequada é nada menos do que uma dádiva incondicional de si mesmo para o outro. Somente as pessoas são capazes de tamanha dádiva, porque somente as pessoas têm a estrutura característica de auto-posseção. Apenas um ser que possui a si mesmo é capaz de dar a si mesmo. Amor esponsal diz: "Eu quero pertencer a você e eu quero que você me pertença." Em Von Hildebrand, encontramos um conceito que descreve essa experiência. É o conceito de *intentio unionis*. No amor esponsal a *intentio unionis* atinge sua maior intensidade, porque pelo dom recíproco é criado o vínculo de pertencimento mútuo. De acordo com Von Hildebrand "amor recíproco inclui 'intenção unitiva' recíproca e esta por sua vez implica que esta união é a fonte de felicidade para ambos os lados."⁷¹ Significativamente, von Hildebrand pontua que a experiência de pertencer a outra pessoa contribui de volta para a auto-realização do sujeito. Embora cada pessoa pertença a si mesmo em primeiro lugar [n.b.: em *A Pessoa que Age* Wojtyła se refere à estrutura de posse de si mesmo para a pessoa; enquanto em *A Essência do Amor* von Hildebrand lembra-nos que a pessoa não pode ser objeto de posse], no amor esponsal de cada pessoa quer entregar-se, a fim de pertencer ao outro. Paradoxalmente, ao dar-se ao outro, nem a pessoa perde sua subjetividade; pelo contrário, justamente pelo dom de si a subjetividade de cada pessoa encontra a sua máxima realização. Em nossa cultura contemporânea, tendemos a compreender a liberdade como independência completa, pensamos que só somos realmente livres quando podemos fazer tudo "do nosso jeito." A experiência do amor esponsal transforma essa ideia em sua cabeça. A dinâmica natural desse

⁷¹D. Von Hildebrand, *Essenza dell'amore*, Bompiani 2003, p. 381 (tradução: Jaroslaw Merecki).



amor pode nos ajudar a compreender melhor as palavras que os cristãos repetem todos os dias: "Seja feita a Tua vontade."

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Duns Scotus, *Ordinatio* III, suppl. dist. 26; in: *Duns Scotus on the Will and Morality*, A.B. Wolter OFM (ed.), Washington 1986.

Husserl, E., *Philosophie als Strenge Wissenschaft*, Klostermann, Frankfurt a.M. 1965.

K. Wojtyła, *Amore e responsabilità*, in: id., *Metafisica della persona. Tutte le opere filosofiche e saggi integrativi*, Bompiani 2003.

Styczeń, T., *Comprendere l'uomo*, Lateran University Press, Città del Vaticano 2005.

D. Von Hildebrand, *Essenza dell'amore*, Bompiani 2003.